LAÇOS FAMILIARES

o avô**1.**

barracas de um azul deslavado: o ar afunila pelos interstícios das ripas, e faz ondular a marquise das cortinas, rede pontilhada de manchas de fungos, onde moscas se enredaram e morreram, presas pelas patas, hoje leves cadáveres. Que nome para este lugar de construções instáveis, arrimadas umas às outras, aldeia de precário, com ruas de areia e cães estendidos no aconchego das paredes? O vento empurra o nevoeiro, a um palmo do chão ou pouco mais. As rajadas. Os cães enrolam-se melhor, escondem o focinho no morno das barrigas, fica mais perto do saibro a sua cor de pêlo. A areia avança por telhados de chapa ondulada, zinco ou folha-de-flandres, granita na ferrugem dos remendos, salpica a cabeça inclinada do velho, cola-se-lhe aos lábios, range-lhe nos dentes. Os cães ignoram quem passa: ninguém chega para o mal. O mar, no fundo do labirinto, é branco de espuma, e vem em gotas empastar os cabelos, esmorecer a já tão pouca solidez das casas, formar o salitroso nevoeiro nos vidros. Entardece, isto é, o meio-dia escorre para a tarde, em rolos de nuvens escuras a abrir em branco, repletas de chuva, sobre as barracas comprimidas pelo azul das tintas, pelos quintais que as devastam periféricos, com as

suas vedações de galhos, bidons e restos de arame farpado. Cascas de caracoletas e cadelinhas acumulam-se na base dos muros e orlam-nos de reminiscências de canteiros. São as horas que são, mas o tempo sossegou nesta violência,

2

saiu o velho do barco, bicho atarracado e fluvial, molhado de pingos, sujo do excremento de gaivotas, algumas voam junto à parede abaulada do forte, sorve-as a curvatura ampla, contornam-na numa serenidade tensa, são depois catapultadas pelas correntes de ar, por sobre o rio encarneirado, ou rasam o morro, num voo muito lento, o grés das escarpas: ocre escurecido pela chuva, barro a lucilar ao sol do momento, pano cru, subitamente estas aves transgridem todos os destinos e decaem, presas numa total imobilidade, a meio metro da água atrapalham-se e batem as asas descoordenadas, suspensas um instante só, no restolhar das penas, retomam a queda e traçam com o bico no côncavo da onda um estranho cardiograma,

3

atravessa o pontão, pára um segundo a agasalhar-se no casaco de cotim e a afugentar dos olhos a humidade da ressaca. Os rafeiros vieram estender os focinhos ao vento e indagar de quê, de quem, parecem construções de areia, hirtos na sua cor instável, atacados pela premonição da ruína. As motorizadas, encostadas ao muro, assemelham-se a vespas secas. Casas brancas e térreas, com buganvílias agarradas às paredes, desaguam na praia. As gaivotas descem pelas ruas enrodilhadas nos torvelinhos de pó, sobem depois até às nuvens carregadas de chuva e parecem adormecidas lá no alto, no movimento da tempestade, ou embaladas por ela, brincam no refúgio de ninhos turbulentos, por entre espirais de areia, ou em tangentes ao paredão amarelo do forte. Que dia,

4

vem do mar meu avô do mar, acompanha-o uma aura de salmoura e o ruído do areão triturado pelas botas, tudo lucila quando o

sol percorre o intervalo entre as nuvens, as árvores têm um brilho de cuspo, um pingo ou outro esmaga-se-lhe na cara e desce por uma ruga, tal e qual uma lágrima, até à boca, onde se desfaz no gosto da chuva, o melhor é afugentar este sinal, com as costas da mão limpa o rosto húmido, sente-se agora mais sossegado e aconchega-se no universo dos seus cheiros: o do tabaco de onça, o da flanela suada. Que grande desatenção ao que no mundo ocorre e que há-de ser a história do mundo

:

matarem o Sidónio, no lugar onde todas as viagens começam e acabam. Quem se atreveu a erguer a parricida mão? O país de luto. Não sentiu meu avô que lhe tivesse morrido alguém. Disse-o. E prenderam-no ao meio-dia, enganos, enredos

:

nessa tarde nasceu minha filha. A primeira vez que a vi, passaram-ma através das grades, era um bicho pequeno e tinha a cor translúcida das lulas

:

olhava o limoeiro, os seus frutos verdes e duros como tumorezinhos: ouvia os polícias, a rir, no fundo do corredor, e, absorto, embrenhava-se no dia seguinte para que este acontecesse, cheio dos mesmos gestos e das mesmas indolências. Dava-se-lhe pensar na casa porque a sentia perto. Quando a ela regressasse, todas as coisas estariam no lugar em que as deixara, nos lugares onde estão hoje. Que sinais nestas paredes de ele as ter olhado? quando esmoreceu este rosa sob a polpa dos seus dedos? por que cantam estes pássaros de gesso e tinta mais tempo que o seu tempo? argutos animais que simulam nos bicos abertos as imprecações e as confidências,

5

ia tão seco o Inverno que os limões engelharam antes de amadurecer e meu avô ouvia-os cair, num ruído de pedras na erva do canteiro, as paredes da cela eram brancas, do salitre, tracejadas de linhas sinuosas e finíssimas, de aparência tão frágil, que ele hesitava em se lhes encostar, não fossem ruir, envolvê-lo em calíça e

barrotes podres, todo o material que dá a certas construções um aspecto diáfano, um abaulado de tectos e sobrados, e onde se adormece num sonho de viagem,

:

baratas fogem em correrias, sobem-lhe coceguas pelas pernas, demoram-se-lhe nos tornozelos e joelhos num vibrar de antenas, bichos do escuro e do pouco espaço, não os suporta meu avô, habituado a ocupar outros mundos, a ver outros animais, mais lentos e amplos,

:

tudo alucinações, a cela era pequena, mediu-lhe às braçadas o comprimento e a largura, como se medisse uma corda ou a profundidade de um mar, outros de certeza fizeram o mesmo, mostravam-no as impressões de mãos,

6

o som do casco, contra os pneus que protegem o pontão, repercute em estremecimentos, as amarras repuxadas chiam, prestes a quebrar-se. Não se detém o velho, talvez o ruíem outros sons, ou nenhuns. Morreram-lhe os filhos de uma espécie de insídia, doença mascarada pela excitação de vagas febres que lhes deixavam na pele um tremor e na face manchas purpurinas, de onde o frio que os arrepiava? de onde a humidade que lhes molhava a roupa e se evaporava num cheiro acre? ou pouco a pouco se dissolviam nela os corpos? ou só os contornos deles? e diluídos ficavam pouca coisa? tinham estes rapazes uma ternura frívola e maldosa que os aproximava das pessoas para o contágio num beijo. Durante o dia ficavam pelos cafés, sentados a mesas debruadas a latão, por onde deslizavam as cabeças dos dedos, ou as unhas em estrias arroxeadas, olhavam as mulheres por detrás dos vidros, mergulhadas nos seus dias sempre os mesmos, e ocasionalmente seduziam-nas com a sua expectativa risonha, simulando o pressentimento de que mais não tinham feito do que esperá-las. Um ratinho-da-índia, preso pela pata à lapela do casaco, passeava-lhes no ombro, eram animais albinos e nervosos que farejavam o tecido, subiam à orelha e deixavam na roupa nódoas de mijo e caganitas

que resvalavam em crepitações, algumas raparigas amavam neles os ossos das clavículas, salientes, onde pousar os lábios, e as faces de malares salientes, reveladoras de algumas perversidades, a pele parecia-lhes assoprada por um vento doentio, na boca um hálito azedado, passavam as manhãs estendidos na cama, um sono lábil a estremecer-lhes as pálpebras, por fim, erguiam-se, o lençol acompanhava-os, colado às costas, e eles puxavam-no, como quem arranca um adesivo ou um fiapo de pele crestada pelo sol, tinham perdido a memória dos hábitos mais elementares, comiam quando tinham fome, dormiam quando tinham sono, e mijavam para penicos de loiça que seguravam com a mão esquerda, enquanto a outra sustinha a pele do sexo cheia de escaras, pareciam indiferentes a quaisquer conveniências, a vida obedecia-lhes a um ritmo único, emagreceram tanto que as costas e o peito, sulcados de um azul de gangrena, traziam à lembrança o som de chicotadas, as manhãs de dezembro punham nos vidros uma névoa rala e o torpor invadia-os como um cansaço, encontravam-nos depois, pernas entreabertas, nus sobre a colcha encardida, os olhos num coalho, repelidos pelo mundo, exilavam-se nos quartos, e a casa convergia para o centro e nele parecia mais surda, mais pesada

o tio

o fato cinzento, o casaco assertoado, de bandas largas, e a gravata a tufar acima do colete. Ei-lo pronto no sorriso pronto. Ginga, dá aos ombros um movimento flutuante, o equívoco marítimo da viagem. Os sapatos rangem. O vinco das calças afiou-o a mãe até à premonição de um golpe. Pesa-lhe o bolso esquerdo do casaco. E ele suspira, repousado. Passeia pelo quarto, ensaia os passos frente ao espelho, aproxima dele a cara, desencarquilha e humedece os lábios, cobrindo-os um com o outro, torna-os curvos e rubros, atravessados por sulcos verticais. Ligeiramente abertos. Uma linha de carne, um tracejado branco. Sempre teve bons dentes. Aproxima-se ainda mais do espelho como se o fosse bafejar. Mas não. Retém